

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
ANO V—Número 1.452
Sexta-feira, 17 de Agosto de 1923
PREÇO — 20 CENTAVOS

Em plena democracia:
conduzem-se presos al-
gemados.
E é isto uma república
progressiva...

CONSUMO-USE O CRIME!

Termina hoje o pão político!

Por meio dum decreto infame que o ministro da Agricultura enviou hoje para o «Diário do Governo» acaba o povo de Lisboa de ser entregue nas garras das moagens.

ONDE IREMOS PARAR?

O ministro da Agricultura, servindo a moagem, acabou com o pão político, deu liberdade às moagens insaciáveis de pedir por um pão o preço que lhes apetece!

Se o povo tivesse nervos, se o povo tivesse vergonha, não pagaria nem mais um centavo pelo pão que tam caro já é!

Se a Moagem tem liberdade de roubar, também o povo deve ter liberdade de não se deixar intrujar!

O FIM DO PÃO POLÍTICO

A POLÍTICA DA FOME

foi, repentinamente, inaugurada pelo ministro da Agricultura

No Torreiro do Paço continuava-se duma maneira criminosa a brincar com o fogo. A brincadeira é perigosa e os prejuízos que dela resultam para os consumidores são colossais.

Hoje, vai dar-se um golpe formidável na bolsa dos consumidores. E esse golpe vai ser dado em circunstâncias indignas e revoltantes. Consiste esse golpe na supressão pura e simples do pão político.

O pão, o alimento indispensável às classes trabalhadoras, é sempre uma questão grave. Pois essa questão grave, excessivamente grave, vai ser resolvida, repentinamente pelo actual ministro da agricultura, sr. Joaquim Ribeiro.

Vai ser suprimido o pão político. O sr. Joaquim Ribeiro argumenta com os 70.000 contos que lhe custa ao Estado. Mas muito mais custa o exército — e não se pode dizer que o exército seja de utilidade, seja um artigo de primeira necessidade — e no entanto

ninguém, ministerialmente falando, pensa em suprimi-lo.

Que importa que o pão vá atingir um preço inacessível? Que a miséria vá alastrar? O sr. Ribeiro não se incomoda. Mete as mãos nos bolsos e grita, irado:

— O pão político custa 70.000 contos.

A que preço passará a Moagem a vender o pão? Ai está uma coisa que não preocupa o ministro. Que tipos de pão passarão a ser criados pela Moagem. Nesse ponto é o ministro duma excessiva liberalidade. Cada padaria poderá fabricar os tipos que entender. Toda a espécie de barlas será permitida — eis o que esta excessiva liberalidade significa.

Acresce do preço do pão, o ministro também não põe o menor entrave. A Moagem fixará aos diferentes tipos de pão que lhe apeteça o preço que melhor lhe agrade. Todas estas enormidades, são tomadas de surpresa, sem um prévio aviso aos consumidores. E' um gesto desabrido, ditatorial.

Não dá tempo a reflexões. O gesto é duma rapidez fulminante.

Dum momento para o outro, o pão seja agravado com um novo aumento.

Este gesto feito duma maneira sacudida e rápida, assemelha-se muito de perto a uma verdadeira traição. E' ou não uma verdadeira traição, vir agravar a bolsa aos consumidores? Aumentar-lhe o pão, sem reflectir um minuto sequer, as dificuldades que vão surgir, a miséria que vai alastrar.

Inaugurou-se a política da fome. Resta saber se as consequências da política da fome, não virão a ser trágicas. Trágicas consequências vão resultar para os consumidores dum agravamento súbito do preço do pão, a que não corresponde — escusado é acentuá-lo — um aumento de salários capaz de enfrentar o novo encargo que o sr. ministro da Agricultura, num ímpeto, deliberou lançar-nos.

CONGRESSO PEDAGÓGICO

O professorado está disposto a não aceitar tutelas vexatórias
— Algumas afirmações interessantes

Notas e impressões do nosso enviado especial

LEIRIA, 15. T. — (Alzazado). — Quando abriu a quarta sessão do Congresso Pedagógico, Manuel Barroso comunicou ser esta a última sessão pedagógica, aconselhando o aproveitamento do tempo, encurtando considerações. Apresentou ao Congresso o industrial Chaves Costa, amigo da escola e do professorado, o qual desejava falar e apresentar uma proposta. Indigida para presidir Rodrigues Direito, que diz pesar as responsabilidades nesta hora feliz da sua vida. Recorda com saudades velhos professores e pede calma, serenidade e aproveitamento.

Frizando as incompatibilidades existentes entre professores e inspectores deseja que haja o máximo cuidado na escolha dos indivíduos para os cargos superiores.

Convida para secretar José Carvalhal, delegado do Porto, e Beatriz Mergulhão, delegada de Lisboa.

Pelo sr. Augusto Martins foi requerida a prioridade para a base 19.º. Falou o industrial sr. Chaves Costa que afirmou o seu carinho pela instrução e administração. P.º professorado propõe a criação do imposto especial lançado ao comércio, à indústria e à agricultura para a educação dos filhos dos humildes em escolas edificadas para esse fim.

Lembrando o resto da discussão da base 15.º, Manuel da Silva pede explicações ao sr. ministro da Educação de Oliveira no uso da palavra que se pronuncia contra a criação de novos organismos que absorvam a receita necessária para criar escolas. Vê na redução do ensino primário um atentado contra o proletariado a quem não basta saber ler, es-

crever e contar. Diz que só educando operariado se lhe pode exigir o cumprimento de deveres. A criança deve estar na escola o tempo suficiente para os pais se desempenharem dos seus trabalhos. São quatro anos de educação técnica e profissional e física, arrancando a criança à rua.

Por proposta do delegado de Abrantes foi encerrada a discussão, passando-se à base 19.º.

A tutela camarária

Manuel da Silva não concorda com o aumento de frequência escolar e pergunta se a tese sobre horários é discutida conjuntamente. Depois de explicações são presentes saudações ao presidente da república, dr. João de Barros, núcleo de Queluz, dr. etc.

Entrou em discussão a base 19.º, divisão educativa do país e assistência escolar.

Por proposta de Almeida Costa são concedidos apenas 5 minutos a cada orador.

Fala Gomes Belo que considera injusta a doutrina da base, que enerva por arrancar a administração aos professores para a entregar às câmaras que querem dominar. Quer que se exijam ao professorado todas as responsabilidades de jurisdição e morais não se lhe lançando a tutela afrentosa das câmaras contra os direitos das juntas escolares.

Pedro de Almeida invocou 25 anos de serviço, discorda da submissão à política camarária. Depois de curto incidente sobre erros de inscrição, é dada a palavra a Augusto Martins que defende, entre aplausos, as Juntas Escolares.

res que não são culpadas das irregularidades, afirmando que a ter-se em conta os actos dos republicanos ter-se-ia de negar a república.

As Juntas não podem ser julgadas, sem serem ouvidas. Quer a autonomia administrativa — base de autonomia moral. Sempre aplaudido, diz, dirigindo-se ao ministro da instrução: «Se o estatutário entregar uma estatua a um novorrico, este não lhe dará apreço, mas se a entregar a um artista, este colocará com carinho no seu gabinete de estudo. Considera um atentado a reforma entregar a administração a qualquer regedor que anesquilará o professorado e aniquilará a escola.

Contra os inspectores escolares

Carlos Pereira concorda com as palavras do orador antecedente. Lê uma exposição sobre regulamentação. Barroso pede explicações a Augusto Martins, que este não satisfaz para não ser delator.

A requerimento de Albano Barreto discute-se a base 16.º: inspecção da técnica do ensino. Manifestam-se em desacordo Rodrigues de Oliveira que quer que fiscalizem os orientadores, e sr. Acácio Pereira, que defende a inspecção. O sr. Luis Passos dá explicações não sendo profícua uma concentração em Lisboa. Dionísio Martins defende a concentração em distritos onde os professores iriam prestar provas em escolas modelo, não querendo inspectores caixeiros visitantes. Mário Vieira não quer inspector-policia, mas técnico, e o serviço descentralizado, em zonas. Diz que

o seu Grémio deseja que os inspectores sejam eleitos pelo professorado da sua área para evitar estas nomeações sem curso, nem concurso, por favoritismo.

Há desistências de palavra e são enviadas as propostas para a comissão de estudo e, a requerimento do delegado de Tomar, finda a discussão.

Instado, o ministro da Instrução transmite as suas impressões ao Congresso e num longo discurso — quasi às escarpas — justifica e aclara os reparos feitos que atribui ao carácter parlamentar da reforma. São interessantes as declarações do dr. João Camões mas a escassez do tempo e a carestia do telegrafo não permitem extensas descrições.

Antes de encerrar a parte pedagógica, Almeida Costa convida os congressistas a assistir à sessão especial à noite na Associação dos Caixeiros para apreciar a Internacional dos Educadores.

Uma comissão de professores desempregados expõe a situação afilhada em que se encontram e pede providências. São aprovadas várias saudações e a sessão é encerrada às 19.30 horas.

Ca fora notámos mais impressão entre alguns congressistas: contra o apêgo que o ministro mostrou ter pelo seu trabalho não aceitando de boamente alterações. Há entusiasmo pela Internacional dos Educadores.

A manhã efectua-se o passeio à Batalha. Não vamos, devido ao carácter pacífico que o reveste e porque o soldado desconhecido para nós encontra-se pelos russos abandonado e mutilado, mendigando pão.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Lógica jornalística

«O Mundo» antes morrer nas mãos do sr. Urbano Rodrigues deixou a sua orientação política em testamento ao «Rebate». E este jornal, apesar da sua encassa redacção, é quem defende as violências governamentais, mesmo antes destas se efectuarem.

Circulando insistentemente, nestes últimos penúltimos dias que a foice mortal do ministro da Agricultura vai ceifar a existência do Commissariado dos Abastecimentos já começa o «Rebate» a morrer-lhe na reputação. O commissariado já é um antro, algumas das pessoas que por lá estiveram em tempos que são diferentes dos actuais, possuem fortunas de origens puramente inconfessáveis.

Como não pode morrer nos que actualmente se lê encontram, porque alguns deles além de correligionários foram ou são da redacção, ataca os que há muito de lá foram afastados. E' a violência exercida à laia daquele lobo que devorava o cordeiro para o castigar do delito do carneiro seu pai.

Mas se o ministro pensar respectivamente o contrário o «Rebate» não hesita em chamar reacção aos que classificarem de antro — o Commissariado. E' bom não esquecer que no testamento que «O Mundo» fez, antes de morrer, ao «Rebate» deixava-lhe também, além da orientação politica, o sr. José da Vilela.

Pedir a Vilela, obter a morte...

Referiu a «Epoca» há dias, a história dum estupendo milagre de Lourdes, mediante o qual, um paralítico dumas pernas, deixou de ser e conquistou uma invejável harmonia de movimentos. O milagre, reduzido à expressão exacta, não deve passar duma espantosa pata destinada a dar prestigio às tais águas de Lourdes que são pela certa, inferiores às excreções águas do Alviela. O milagre não passa dum truque para alargar o rebanho dos crentes e duplicar a sua fé, há um facto que não é milagre, mas que em troca é, infelizmente, bastante verdadeiro e trágico. Esse facto é o desastre dum auto-ônibus que produziu 23 mortes. E, os mortos eram crentes holandeses, que iam a caminho de Lourdes e morreram perto da famosa cidade clerical. Já o ano passado houve uma catástrofe semelhante. Deus, com arrelia do «Nemo» vai matando às dezenas, os que vão a Lourdes, requisitando de nós uma vida mais suave e mais longa.

OS PRESOS

que seguiram ontem para S. Julião, foram

— algemados! —

Como noticiámos em última hora, os presos por delitos sociais, que se encontravam no Governo Civil, foram, pelas 2 e meia horas da madrugada de ontem, inopinadamente transferidos para S. Julião da Barra, onde chegaram às 6 horas.

Foram conduzidos num caminhão, entre policias armados de carbina. Um outro caminhão, com mais policia, seguiu-os, num excesso de precaução que ultrapassava as raízes do grotesco.

Mas, como se fosse pouco este alarde de força e se tratasse de bandidos emulados daqueles que deram renome sinistro à Serra Morena, os presos foram algemados!

Cobardia que mais enojar não pode revelar este odioso regime em que vivemos e que por escárnio denominam de República democrática!

Os presos que seguiram para S. Julião da Barra, são os seguintes:

Domingos da Silva, Vanzelino dos Santos Costa, João de Almeida, Ezequiel Seigo, Joaquim Augusto Betencourt Ataide, João Gomes, José Marques Teixeira, José Jorge, José Augusto Marques, Sebastião Graça, José Lopes, Inácio Marques e José Ferreira, que se encontrava incomunicável.

No Governo Civil ficou apenas o camarada José Martins Orillo, que se encontra no calabouço 7, tendo dado ontem entrada no mesmo edificio José Faria, que veio da Torre de S. Julião para ser hospitalizado.

Sessão de protesto

Conforme anunciamos realiza-se hoje, às 21 horas, uma grande sessão de protesto contra as violências governamentais. A sessão realiza-se no sindicato dos caixeiros, rua Antonio-Maria Cardoso, 20, 1.º, e é promovida pela comissão de melhoramentos e de propaganda.

E' de esperar que a classe dos caixeiros, em especial e o operariado em geral acorram a esta sessão, manifestando assim a sua repulsa pela obra perseguidora de Antonio Maria da Silva.

UM MINISTRO-TERRAMOTO

Vai extinguir-se

definitivamente, o Commissariado

dos Abastecimentos?

Longa história possui o Commissariado dos Abastecimentos. Nessa história registam-se três commissários: o sr. Peres Trancoso, que o foi duas vezes, a última, por 24 horas, a quando da greve do pão; o sr. Falcão Trigoaso e o actual, sr. Sá da Costa, sem apontar os sr. Borges de Sousa, que teve por 15 minutos a chefia suprema... Longas seriam as colunas que tomaríamos no jornal se fossemos a esmiuçar a interminável série de medidas que nele tem sido tomadas, medidas quasi todas de nulos resultados.

Fizeram leis que se não cumpriram; decretos que não se executaram; Armazéns Reguladores que nunca regularam, etc., etc.

A politica seguida pelos vários ministros da Agricultura tem sido baseada, mais ou menos, no sentido de dotar, com a maior ineficácia possível, o Commissariado.

Surgiu agora, com grandes ideias de demolição, o sr. Joaquim Ribeiro, que há alguns dias sobra a pasta da Agricultura, do tal ministério da Agricultura que nunca contribuiu para o cultivo das povoadas de terreno e tem sido por vezes esplêndida agência de interesses comerciais.

O sr. Joaquim Ribeiro, que vai acabar com o pão político, medida essa a que outro lugar fazemos referência, vai também, ao que insistentemente se diz e ele próprio não nega, acabar com o Commissariado dos Abastecimentos.

Não defendemos, nem atacamos o Commissariado. Mas não nos registamos com a medida, visto reconhecermos que o Terreiro do Paço só é hábil em deitar abaixo o que está de pé.

As intenções do ministro que determinam essa radical medida, mereciam ser analisadas, se fossem conhecidas. Por enquanto, apenas verificamos que o sr. Joaquim Ribeiro se afirma como ministro-tempestade. Oxalá não venha a ser, como se nos afigura, um ministro-tempestade.

Pró-presos por questões sociais

Reúne hoje, pelas 21 horas a fim de assentar na forma de distribuição de auxilio aos presos.

Comissão Central

Reúne hoje, pelas 21 horas a fim de assentar na forma de distribuição de auxilio aos presos.

A aristocracia da canastra e do tamanco

Tragi-comédia representada ao ar livre e nas barbas da autoridade e da maneira como os armazéns reguladores desempenham a sua missão moralisadora

Na rua Domingos Siqueira, à Estrada, e próximo da boca dos olhos que lacrimeja o pranto dos jactados do Alviela, estaciona, há tempo, uma carruagem pre-histórica que se supõe fêrtil do árcia de N e é visto do museu arqueológico da Ex.ª Câmara Municipal de Lisboa para o local acima indicado.

afim de servir de armazém regulador do Commissariado dos Abastecimentos. Estes armazéns, como é público e notório, regulam tam bem como regula um quadrante solar num dia de nevoeiro e o sr. Sá da Costa, pode limpar os olhos e a parede, a despeito do chamariz dos pães, dos amorfos descobertos, a meio do ar e a cunha e doutrinas pegadas semelhanças que se manifestam, quando em vez, nos sobreditos armazéns — o alimentício chegava ao preço pavoroso a que chegou, frizando bem e mais uma vez que o Estado, na opinião dos economistas de toda a parte e de todos os tempos, não pode nem deve meter-se a comerciar, com o que, estou certo disso, não concorda a firma comercial exploradora do armazém do Terreiro do Trigo e outras acreditadas firmas que exploram os diversos armazéns reguladores que são verdadeiros bubões sanitários do Commissariado.

Ante-nem de manhã, cerca das dez e meia, passando-se à vista da já citada carruagem, notei o seguinte: Na respectiva plataforma que devia ter sido a ponte do comando dessa supposta arca de Noé deparou-se-me um daqueles civis que, decerto, não existiam antes do dilúvio, nem mesmo no seu estado embrionário, se fizermos fé do Novo testamento.

Não obstante a estava ele de chanfallo à esquerda e de pistola à direita — objectos de que a Bíblia sagrada igualmente não dá noticia nem reza, pouco, qualquer outro livro sacro do meu conhecimento, do que se conclue que os civis, os chanfallos e as pistolas são criações muito posteriores ao dilúvio universal e outros tantos frutos da civilização que parece ter chegado ao seu máximo em plena actualidade.

Em frente do civis destacava-se uma veneranda matriarca com um bigode e peras, que ficaria como uma luva por baixo do nariz arreagado do referido civis.

E se pelos domingos podem tirar-se os outros dias santos a dama em questão deve pertencer à má alta aristocracia da canastra e do tamanco; não é, como é lícito supor, a própria arquiduchessa da Ribeira-Nova ou a illustre duquesa dos Anzoes, em carne e osso.

Na ocasião estava sua excelência assistida de mil numerosos fidalgas e fidalgas, designadamente as ex- lentissimas senhoras marquesas do Tambo e do Cação; condessas do Chicharro e da Cavala, viscondessas da Viva da Costa, do Carapau, da Marmota, e do Sifio; baronezas do Besugo e do Linquado, etc., etc., a fina flor, o escó, a elite, o que há e pode haver de mais illustre, mais elegante e distinto na alta roda canastraria.

Manifestavam humilhadas e corria-das do seu plebeísmo na presença de tão nobres damas, notei algumas dessas matriarcas donas de casa que tem envelhecido precocemente e aos milharas ao sol incinerante e à inclemente da invernal na tortura inquisitorial e inenarrável das buchas, desde a porta

das padarias à porta dos armazéns reguladores, em que se obriga a clientela a pagar, de contado e em troca de alguma pechincha que lá aparece, em quantidade homocênica, toda a sorte de lixo que constitui o grosso permanentemente do stock comercial dos referidos armazéns, cuja expropição por utilidade pública se impõe, de longa data, como um acto necessário e ineludível de moralidade e de economia nacional, embora esta minha asserção se oponha ao modo de ser e de viver dos morganhos de dois pés que lá engordam à solta e à regulada, sem se lhes opor rabeira ou o triz rão como se faz aos morganhos, propriamente ditos e seus correligionários, muito menos daninhos e prejudiciais do que eles são.

A minha dessas donas de casa me dirigiu, perguntando-lhe se ela e as suas tristes companheiras estavam ali para comprar o poisson d'Auril que o vapor «Glauco» tem trazido hipoteticamente à população de Lisboa e em tal quantidade que toda a costa portuguesa, logo aos primeiros lanços-fitas pelas suas rédeas, ficou sem um só peixinho, só escapando os polvos que se reproduzem lindamente e cuja subestria não permite que eles se deixem enredar ou colhar à linha como qualquer outro habitante das regiões marinhas, razão esta, pela qual, havendo sempre um grande stock de peixe-espada à prova de fogo nos caloríferos da Guarda Nacional Republicana, não há maneira de se ver um único polvo à lota, ou pelo menos, da se meter dente, com ele, por não consentir-lo o Adamastor terrível que mantém a ordem pública inalterada e fixou residência no Ministério do Interior.

Respondendo-me a creatura que ela e as suas companheiras de infortúnio estavam ali, havia horas, para ver se conseguiam neascar algum do 1.º peixe do «Glauco», mas de todo se biltara o seu empenho porque o p-xico que alvinha ter tido era pouco para as excelentíssimas fidalgas, sobretudo,

tendo acontecido que algumas destas senhoras, naquela mesma manhã, haviam levado, a maior parte delas, por consêquência da excelentíssima arquiduchessa da Ribeira-Nova.

Nessa altura entrou em cena um soldado, impedido de qualquer senão oficial, que se dirigiu respectivamente àquela illustre matriarca da canastra, perguntando-lhe se havia pescado, no seu boudoir, ao que a dama respondeu negativamente. Isto é, que esperasse ali um grande bocado de tempo, na ocasião, não havia coisa que lhe servisse (sic).

E há ficou o impedido de empoleirado na plataforma da arca, à illarga do civis e todo o anjo das palmas e das azenhóras arquiduchessa, lá vira amigável e aristocraticamente na espádua ureta, acompanhadas dum sorriso encantador, capaz de fazer andar num sarilho gigante a cabra dos irmãos de pedra que, no respectivo atiro, e há perto de dois séculos fazem sentinela permanente à basílica da Estrela.

Vendo, tudo isto conclui logicamente que se estava ali operando um belo negócio da China, todo ele em benefício da aristocracia e prejuizo do povo o que, muito judiciosamente, não é admissível em boa democracia, como é aquela em que vivemos o prior possível através de todas as manigâncias e vigarices possíveis e imagináveis.

Lembrei-me, então e muito a propósito de que sou funcionário público, com alguma bastante para intervir onde e quando a lei, o decóro, o prestigio da República, do Estado, e a defesa dos interesses públicos assim o exijam. Coloquei, a geito, o meu bilhete de identidade, chamei o civis que hesitou um pouco em acudir à minha chamada, decretei por me ver sem gravata que não uso como protesto contra os barbaesmos da civilização boudiera e sem o colarinho que deixara em casa, por se queijar.

Com vontade ou sem ela o referido civis chegou à, fala comigo, no meio

HORROROSO ESPECTACULO À BRUTA

Considerações em torno duma campanha do "Diário de Notícias" acerca da condução dos presos

O jornal *Diário de Notícias*, há dois dias, talvez, tem trazido uns artigos que ele chama úteis à sociedade actual e que tem intitulado de «Bandidos à solta». «Como se fosse», etc., etc. Não venho aqui refutar, neste momento, as ideias aqui expostas, mas sim, muito moderadamente, quando muito e apenas salientando que uma vez que tendem a abrir uma semelhante campanha deputativa, por certo não mediu nem compreendeu bem não só o embrolhado da questão, mas sobretudo todas as suas consequências.

Há um rifão antigo que diz — «que não há por cego que aquele que não vê» — o qual se pode muito bem adaptar a este caso. Esse periódico enveredou por esse lado e quer compreender que não sabe refutar outra nota, e senão, fustigamos uma ligeira análise, muito superficialmente apenas, visto que o propósito ao acinte do rabiscador dessas linhas está mais que sobejamente a nã. A menção, então, que esse «cavalheiro», chamemos-lhe assim, labora, não direi num erro, mas simplesmente numa levandada, como outro qualquer.

Den-lhe para embriar com o serviço da condução dos presos do Lameiro para a Boa Hora e vice-versa, e todos os dias temos um novo folhetim para deleite dos seus conspícuos leitores, que a maioria é, claro, pacatos cidadãos e conservadores educados na sua leitura, logo de manhã, muitos deles, ainda na cama, todos se horrorizam das terríveis facinoras e quejandos sinónimos que para aí andam à solta, mercê da indústria de que é feito o serviço da condução dos presos. Ora se isto fosse apenas com o fim de deleitar os seus muitos leitores ou outro qualquer idêntico, muito bem, mas não sendo bem esse, mas sim o de tentar corrigir erros e demandas, acho que está um tanto ou quanto longe desse fim.

Ante-ontem até dava, na íntegra, o cadastro de dois desses personagens que estão agora em cena. Que vantagem há nisso? Que lucros a moralidade ou a tranquilidade públicas com esse súdrio de mistérios? Logicamente esse horrível espectáculo de processos são espectaculamente alardeadas, fica muito embaçado por exemplo ante a proeza do célebre Gonçalez, esse incendiário da Magdalena, e que no final não só possui sempre de variadíssimas contemplações e «benesses», como dispõe de altas influências em diversos meios sociais. Por outro lado deixa o cronista que tam enrugadamente tem metido ombros a essa obra de purificação, e passarei a denominar o Sr. X, que muito naturalmente lhe pergunto: Nunca foi preso? Admitamos que seja assim, o que vou quasi em duvidar porquê, um pouco psicólogo, tenho para mim a convicção de que na generalidade de quem mais barulho faz, mais pretende desviar as atenções de si próprio, isto é, amante das teorias de Frei Tomé.

Mas como ia dizendo, suponhamos essa hipótese. Sendo assim, terei em que lhe dar alguns esclarecimentos, ajudando-o assim ao que o sr. pretende quer ignorar. Como nem tudo que luz é ouro, do mesmo modo nem tudo que são presos ou que se encontram dentro das quatro paredes duma prisão, são entes terríveis ou prejudiciais à sociedade.

Devo mesmo acrescentar-lhe, talvez como se exagerasse, que a percentagem de bons fuses e lindos sentimentos dos que são levados por esse vício, é um tanto maior do que vulgarmente se encontra lá fora. Variadíssimos exemplos lhe poderia citar que bem o comprovam, mas deixo isso à inspecção do sr. X, ou de quem queira ter esse cuidado. Basta porém que lhe diga, com pleno conhecimento de causa, que esses filhos chamados do crime, são da sua maioria, não direi inteiramente dignos de dó, mas apenas de melhor exame. Uns são arrastados por qualquer alucinação, outros por um deslize que eles entendem como lógico, muitos outros por acinte da polícia e má organização das leis sobre matéria criminal. Não me embrearei agora neste ponto porque é muito vasto e muito teria para dizer, porquanto pretendo apenas demonstrar-lhe que tudo esse seu arrazoado não passa dum palavreado balóio e sem nexo. Em lugar de fazer um alarde dum assunto que nada vale em bom senso, e atacar pomposamente o que é uma profissão de todos os tempos e de todos os países, e onde não são excluídos a pericia, o es-

tudo e habilidade além dos seus consequentes riscos, deveria olhar mais claro e raciocinar mais despojado. Deverá parecer-lhe que estou fazendo a apologia do crime. Não senhor, porém o que é evidente e inofensível é que em todo o globo se praticam as mesmas coisas que o sr. X agora deplora, apenas com a agravante de menores males revoltantes e censuráveis do que se pratica entre nós. Que são na sua maioria os nossos crimes se os compararmos aos que vemos por vezes relatados nos periódicos estrangeiros?

Em que tempos, por exemplo, tive já entre nós um Landri? Devo mesmo dizer-lhe que acho os nossos muito moderados, com pouco se contentam. Isto não é dito como incentivo, mas apenas como espírito de análise. Deixemos porém a questão vista tam complexamente e limitemo-nos ao que vai cá por casa apenas.

Acho que o sr. X em lugar de apontar ou pelo menos limitar-se ao que se limita, deveria principiar por pôr a claro todos os «bas-fonds», da nossa política de investigação, causa primária na maior parte das vezes de tudo que o senhor condena. Assim, se eu lhe disser que há agentes propriamente mais teríveis só esse ponto de vista do que esses que o senhor quer atingir? Não acreditaria, talvez, e todavia chegue ali ao senhor sindicato da polícia e peça-lhe que lhe faculte apenas a leitura amena de meia dúzia de páginas.

E por enquanto ainda a proclamação não saiu da igreja. Mas adiante. Poderá dizer-me, por acaso, uma vez que tam acrímo defensor da tranquilidade pública se encontra neste momento, o que é feito dos responsáveis do incêndio do Depósito C. de Fardamentos, das Encomendas Postais e tantos outros que nem mereço a pena enumerar, tanto eles são? E os célebres T. M. E.?! E os celebrados 50 milhões de dólares?! E claro que esses, como não se contentam com pouco, e neles estão envolvidos, por certos peixes muito graúdos, deixou de ser aproveitado como delicto criminal — no desconjuntado raciocínio do sr. X, e da sua camarilha — para ser apenas um mero episódio, não é verdade? Dir-me há que esses homens só prepararam uma vez. Mas o que é certo é que esses dums só vez embasaram dez vezes mais do que os outros numa vida inteira com dezenas de prisões, etc.

E, por isso que as gazetas do faz da queda em que o sr. X pontifica, ao relatar casos em que por vezes se apontam — roubos — de dezenas de milhares de contos, deixam de ser chamados roubos para lhe dar o delicado eufemismo de — desfalque. As mesmas ga-

zetas ocupam-se do caso no primeiro ou segundo dia, mas depois passa a história dos esquecidos, visto que não convém à comunidade que se fale muito nisso. Temos bem recentemente esse caso bem patente que foi esse triplice crime da rua da Escola. Se o mesmo se tem passado com uma simples criada de servir, que colunas e que epítetos bombásticos não teriam saído dos caixotins para verberar a acção de quem a fadava vilania? E no entanto isso já dorme o sono do esquecimento. E' sina do pequeno, do desamparado e do pobre, semelhante a de ao dia vadio, todos pretendem atirar-lhe. Deve porém reconhecer que não é bem assim, e creio não ir longe dizendo-lhe que nesta altura o sr. X, decerto já meditou mais do que ao pegar na pena. Essa má impressão que o sr. X pretende querer acartar, ou fazer recair nos filhos do crime, vulgarmente chamados, é apenas um acinte e nada mais.

Estou plenamente convencido que nem tem bem a consciência do que está escrevendo. Quem sabe mesmo quantos dentre esses que o sr. agora quer atingir, não lhe terão já prestado serviços ou grandes favores e que agora assim ingratamente agradece? E' natural que seja uma mera suposição errônea da minha parte, mas não sei, quasi sou em dúvida que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Francamente gostaria de o conhecer porque talvez alguma coisa tivesse que relatar aos seus leitores alarmados com as suas histórias téticas, e creia que o lamentado deveras. No entanto muito embora assim não suceda, daqui lhe lanço esse repto, o de me pôr a claro toda a história e cadastro desses criminosos grandes, visto que estão envolvidos em crimes muito grandes quanto mais não seja que para fazer um comparativo das justas e conservadoras opiniões do conservador jornal onde o sr. X faz todo esse estardalhaço há dois dias.

Tanta coisa porque fugiu um preso! Não analisei se houve boa ou má intenção nesse funcionário que tinha por mister ser mais cuidadoso. Se delinquir que lhe sejam pedidas responsabilidades e nada mais, é um caso de sua apenas. Quanto ao preso, que o sr. alicunha de — responsabilidade — dir-lhe hei que essa responsabilidade tem um alcance muito diverso daquele que o sr. pretende querer dar-lhe. Como final, devei dizer-lhe que em plena visita aos presos, foi o por um Procurador da República, o preso, que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Estou plenamente convencido que nem tem bem a consciência do que está escrevendo. Quem sabe mesmo quantos dentre esses que o sr. agora quer atingir, não lhe terão já prestado serviços ou grandes favores e que agora assim ingratamente agradece? E' natural que seja uma mera suposição errônea da minha parte, mas não sei, quasi sou em dúvida que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Francamente gostaria de o conhecer porque talvez alguma coisa tivesse que relatar aos seus leitores alarmados com as suas histórias téticas, e creia que o lamentado deveras. No entanto muito embora assim não suceda, daqui lhe lanço esse repto, o de me pôr a claro toda a história e cadastro desses criminosos grandes, visto que estão envolvidos em crimes muito grandes quanto mais não seja que para fazer um comparativo das justas e conservadoras opiniões do conservador jornal onde o sr. X faz todo esse estardalhaço há dois dias.

Tanta coisa porque fugiu um preso! Não analisei se houve boa ou má intenção nesse funcionário que tinha por mister ser mais cuidadoso. Se delinquir que lhe sejam pedidas responsabilidades e nada mais, é um caso de sua apenas. Quanto ao preso, que o sr. alicunha de — responsabilidade — dir-lhe hei que essa responsabilidade tem um alcance muito diverso daquele que o sr. pretende querer dar-lhe. Como final, devei dizer-lhe que em plena visita aos presos, foi o por um Procurador da República, o preso, que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Estou plenamente convencido que nem tem bem a consciência do que está escrevendo. Quem sabe mesmo quantos dentre esses que o sr. agora quer atingir, não lhe terão já prestado serviços ou grandes favores e que agora assim ingratamente agradece? E' natural que seja uma mera suposição errônea da minha parte, mas não sei, quasi sou em dúvida que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Francamente gostaria de o conhecer porque talvez alguma coisa tivesse que relatar aos seus leitores alarmados com as suas histórias téticas, e creia que o lamentado deveras. No entanto muito embora assim não suceda, daqui lhe lanço esse repto, o de me pôr a claro toda a história e cadastro desses criminosos grandes, visto que estão envolvidos em crimes muito grandes quanto mais não seja que para fazer um comparativo das justas e conservadoras opiniões do conservador jornal onde o sr. X faz todo esse estardalhaço há dois dias.

Tanta coisa porque fugiu um preso! Não analisei se houve boa ou má intenção nesse funcionário que tinha por mister ser mais cuidadoso. Se delinquir que lhe sejam pedidas responsabilidades e nada mais, é um caso de sua apenas. Quanto ao preso, que o sr. alicunha de — responsabilidade — dir-lhe hei que essa responsabilidade tem um alcance muito diverso daquele que o sr. pretende querer dar-lhe. Como final, devei dizer-lhe que em plena visita aos presos, foi o por um Procurador da República, o preso, que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Estou plenamente convencido que nem tem bem a consciência do que está escrevendo. Quem sabe mesmo quantos dentre esses que o sr. agora quer atingir, não lhe terão já prestado serviços ou grandes favores e que agora assim ingratamente agradece? E' natural que seja uma mera suposição errônea da minha parte, mas não sei, quasi sou em dúvida que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Francamente gostaria de o conhecer porque talvez alguma coisa tivesse que relatar aos seus leitores alarmados com as suas histórias téticas, e creia que o lamentado deveras. No entanto muito embora assim não suceda, daqui lhe lanço esse repto, o de me pôr a claro toda a história e cadastro desses criminosos grandes, visto que estão envolvidos em crimes muito grandes quanto mais não seja que para fazer um comparativo das justas e conservadoras opiniões do conservador jornal onde o sr. X faz todo esse estardalhaço há dois dias.

Tanta coisa porque fugiu um preso! Não analisei se houve boa ou má intenção nesse funcionário que tinha por mister ser mais cuidadoso. Se delinquir que lhe sejam pedidas responsabilidades e nada mais, é um caso de sua apenas. Quanto ao preso, que o sr. alicunha de — responsabilidade — dir-lhe hei que essa responsabilidade tem um alcance muito diverso daquele que o sr. pretende querer dar-lhe. Como final, devei dizer-lhe que em plena visita aos presos, foi o por um Procurador da República, o preso, que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Estou plenamente convencido que nem tem bem a consciência do que está escrevendo. Quem sabe mesmo quantos dentre esses que o sr. agora quer atingir, não lhe terão já prestado serviços ou grandes favores e que agora assim ingratamente agradece? E' natural que seja uma mera suposição errônea da minha parte, mas não sei, quasi sou em dúvida que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Francamente gostaria de o conhecer porque talvez alguma coisa tivesse que relatar aos seus leitores alarmados com as suas histórias téticas, e creia que o lamentado deveras. No entanto muito embora assim não suceda, daqui lhe lanço esse repto, o de me pôr a claro toda a história e cadastro desses criminosos grandes, visto que estão envolvidos em crimes muito grandes quanto mais não seja que para fazer um comparativo das justas e conservadoras opiniões do conservador jornal onde o sr. X faz todo esse estardalhaço há dois dias.

Tanta coisa porque fugiu um preso! Não analisei se houve boa ou má intenção nesse funcionário que tinha por mister ser mais cuidadoso. Se delinquir que lhe sejam pedidas responsabilidades e nada mais, é um caso de sua apenas. Quanto ao preso, que o sr. alicunha de — responsabilidade — dir-lhe hei que essa responsabilidade tem um alcance muito diverso daquele que o sr. pretende querer dar-lhe. Como final, devei dizer-lhe que em plena visita aos presos, foi o por um Procurador da República, o preso, que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Estou plenamente convencido que nem tem bem a consciência do que está escrevendo. Quem sabe mesmo quantos dentre esses que o sr. agora quer atingir, não lhe terão já prestado serviços ou grandes favores e que agora assim ingratamente agradece? E' natural que seja uma mera suposição errônea da minha parte, mas não sei, quasi sou em dúvida que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Francamente gostaria de o conhecer porque talvez alguma coisa tivesse que relatar aos seus leitores alarmados com as suas histórias téticas, e creia que o lamentado deveras. No entanto muito embora assim não suceda, daqui lhe lanço esse repto, o de me pôr a claro toda a história e cadastro desses criminosos grandes, visto que estão envolvidos em crimes muito grandes quanto mais não seja que para fazer um comparativo das justas e conservadoras opiniões do conservador jornal onde o sr. X faz todo esse estardalhaço há dois dias.

Tanta coisa porque fugiu um preso! Não analisei se houve boa ou má intenção nesse funcionário que tinha por mister ser mais cuidadoso. Se delinquir que lhe sejam pedidas responsabilidades e nada mais, é um caso de sua apenas. Quanto ao preso, que o sr. alicunha de — responsabilidade — dir-lhe hei que essa responsabilidade tem um alcance muito diverso daquele que o sr. pretende querer dar-lhe. Como final, devei dizer-lhe que em plena visita aos presos, foi o por um Procurador da República, o preso, que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Estou plenamente convencido que nem tem bem a consciência do que está escrevendo. Quem sabe mesmo quantos dentre esses que o sr. agora quer atingir, não lhe terão já prestado serviços ou grandes favores e que agora assim ingratamente agradece? E' natural que seja uma mera suposição errônea da minha parte, mas não sei, quasi sou em dúvida que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Francamente gostaria de o conhecer porque talvez alguma coisa tivesse que relatar aos seus leitores alarmados com as suas histórias téticas, e creia que o lamentado deveras. No entanto muito embora assim não suceda, daqui lhe lanço esse repto, o de me pôr a claro toda a história e cadastro desses criminosos grandes, visto que estão envolvidos em crimes muito grandes quanto mais não seja que para fazer um comparativo das justas e conservadoras opiniões do conservador jornal onde o sr. X faz todo esse estardalhaço há dois dias.

Tanta coisa porque fugiu um preso! Não analisei se houve boa ou má intenção nesse funcionário que tinha por mister ser mais cuidadoso. Se delinquir que lhe sejam pedidas responsabilidades e nada mais, é um caso de sua apenas. Quanto ao preso, que o sr. alicunha de — responsabilidade — dir-lhe hei que essa responsabilidade tem um alcance muito diverso daquele que o sr. pretende querer dar-lhe. Como final, devei dizer-lhe que em plena visita aos presos, foi o por um Procurador da República, o preso, que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Estou plenamente convencido que nem tem bem a consciência do que está escrevendo. Quem sabe mesmo quantos dentre esses que o sr. agora quer atingir, não lhe terão já prestado serviços ou grandes favores e que agora assim ingratamente agradece? E' natural que seja uma mera suposição errônea da minha parte, mas não sei, quasi sou em dúvida que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Francamente gostaria de o conhecer porque talvez alguma coisa tivesse que relatar aos seus leitores alarmados com as suas histórias téticas, e creia que o lamentado deveras. No entanto muito embora assim não suceda, daqui lhe lanço esse repto, o de me pôr a claro toda a história e cadastro desses criminosos grandes, visto que estão envolvidos em crimes muito grandes quanto mais não seja que para fazer um comparativo das justas e conservadoras opiniões do conservador jornal onde o sr. X faz todo esse estardalhaço há dois dias.

Tanta coisa porque fugiu um preso! Não analisei se houve boa ou má intenção nesse funcionário que tinha por mister ser mais cuidadoso. Se delinquir que lhe sejam pedidas responsabilidades e nada mais, é um caso de sua apenas. Quanto ao preso, que o sr. alicunha de — responsabilidade — dir-lhe hei que essa responsabilidade tem um alcance muito diverso daquele que o sr. pretende querer dar-lhe. Como final, devei dizer-lhe que em plena visita aos presos, foi o por um Procurador da República, o preso, que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Estou plenamente convencido que nem tem bem a consciência do que está escrevendo. Quem sabe mesmo quantos dentre esses que o sr. agora quer atingir, não lhe terão já prestado serviços ou grandes favores e que agora assim ingratamente agradece? E' natural que seja uma mera suposição errônea da minha parte, mas não sei, quasi sou em dúvida que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Francamente gostaria de o conhecer porque talvez alguma coisa tivesse que relatar aos seus leitores alarmados com as suas histórias téticas, e creia que o lamentado deveras. No entanto muito embora assim não suceda, daqui lhe lanço esse repto, o de me pôr a claro toda a história e cadastro desses criminosos grandes, visto que estão envolvidos em crimes muito grandes quanto mais não seja que para fazer um comparativo das justas e conservadoras opiniões do conservador jornal onde o sr. X faz todo esse estardalhaço há dois dias.

Tanta coisa porque fugiu um preso! Não analisei se houve boa ou má intenção nesse funcionário que tinha por mister ser mais cuidadoso. Se delinquir que lhe sejam pedidas responsabilidades e nada mais, é um caso de sua apenas. Quanto ao preso, que o sr. alicunha de — responsabilidade — dir-lhe hei que essa responsabilidade tem um alcance muito diverso daquele que o sr. pretende querer dar-lhe. Como final, devei dizer-lhe que em plena visita aos presos, foi o por um Procurador da República, o preso, que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Estou plenamente convencido que nem tem bem a consciência do que está escrevendo. Quem sabe mesmo quantos dentre esses que o sr. agora quer atingir, não lhe terão já prestado serviços ou grandes favores e que agora assim ingratamente agradece? E' natural que seja uma mera suposição errônea da minha parte, mas não sei, quasi sou em dúvida que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Francamente gostaria de o conhecer porque talvez alguma coisa tivesse que relatar aos seus leitores alarmados com as suas histórias téticas, e creia que o lamentado deveras. No entanto muito embora assim não suceda, daqui lhe lanço esse repto, o de me pôr a claro toda a história e cadastro desses criminosos grandes, visto que estão envolvidos em crimes muito grandes quanto mais não seja que para fazer um comparativo das justas e conservadoras opiniões do conservador jornal onde o sr. X faz todo esse estardalhaço há dois dias.

Tanta coisa porque fugiu um preso! Não analisei se houve boa ou má intenção nesse funcionário que tinha por mister ser mais cuidadoso. Se delinquir que lhe sejam pedidas responsabilidades e nada mais, é um caso de sua apenas. Quanto ao preso, que o sr. alicunha de — responsabilidade — dir-lhe hei que essa responsabilidade tem um alcance muito diverso daquele que o sr. pretende querer dar-lhe. Como final, devei dizer-lhe que em plena visita aos presos, foi o por um Procurador da República, o preso, que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Estou plenamente convencido que nem tem bem a consciência do que está escrevendo. Quem sabe mesmo quantos dentre esses que o sr. agora quer atingir, não lhe terão já prestado serviços ou grandes favores e que agora assim ingratamente agradece? E' natural que seja uma mera suposição errônea da minha parte, mas não sei, quasi sou em dúvida que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Francamente gostaria de o conhecer porque talvez alguma coisa tivesse que relatar aos seus leitores alarmados com as suas histórias téticas, e creia que o lamentado deveras. No entanto muito embora assim não suceda, daqui lhe lanço esse repto, o de me pôr a claro toda a história e cadastro desses criminosos grandes, visto que estão envolvidos em crimes muito grandes quanto mais não seja que para fazer um comparativo das justas e conservadoras opiniões do conservador jornal onde o sr. X faz todo esse estardalhaço há dois dias.

Tanta coisa porque fugiu um preso! Não analisei se houve boa ou má intenção nesse funcionário que tinha por mister ser mais cuidadoso. Se delinquir que lhe sejam pedidas responsabilidades e nada mais, é um caso de sua apenas. Quanto ao preso, que o sr. alicunha de — responsabilidade — dir-lhe hei que essa responsabilidade tem um alcance muito diverso daquele que o sr. pretende querer dar-lhe. Como final, devei dizer-lhe que em plena visita aos presos, foi o por um Procurador da República, o preso, que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Estou plenamente convencido que nem tem bem a consciência do que está escrevendo. Quem sabe mesmo quantos dentre esses que o sr. agora quer atingir, não lhe terão já prestado serviços ou grandes favores e que agora assim ingratamente agradece? E' natural que seja uma mera suposição errônea da minha parte, mas não sei, quasi sou em dúvida que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Francamente gostaria de o conhecer porque talvez alguma coisa tivesse que relatar aos seus leitores alarmados com as suas histórias téticas, e creia que o lamentado deveras. No entanto muito embora assim não suceda, daqui lhe lanço esse repto, o de me pôr a claro toda a história e cadastro desses criminosos grandes, visto que estão envolvidos em crimes muito grandes quanto mais não seja que para fazer um comparativo das justas e conservadoras opiniões do conservador jornal onde o sr. X faz todo esse estardalhaço há dois dias.

Tanta coisa porque fugiu um preso! Não analisei se houve boa ou má intenção nesse funcionário que tinha por mister ser mais cuidadoso. Se delinquir que lhe sejam pedidas responsabilidades e nada mais, é um caso de sua apenas. Quanto ao preso, que o sr. alicunha de — responsabilidade — dir-lhe hei que essa responsabilidade tem um alcance muito diverso daquele que o sr. pretende querer dar-lhe. Como final, devei dizer-lhe que em plena visita aos presos, foi o por um Procurador da República, o preso, que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Estou plenamente convencido que nem tem bem a consciência do que está escrevendo. Quem sabe mesmo quantos dentre esses que o sr. agora quer atingir, não lhe terão já prestado serviços ou grandes favores e que agora assim ingratamente agradece? E' natural que seja uma mera suposição errônea da minha parte, mas não sei, quasi sou em dúvida que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Francamente gostaria de o conhecer porque talvez alguma coisa tivesse que relatar aos seus leitores alarmados com as suas histórias téticas, e creia que o lamentado deveras. No entanto muito embora assim não suceda, daqui lhe lanço esse repto, o de me pôr a claro toda a história e cadastro desses criminosos grandes, visto que estão envolvidos em crimes muito grandes quanto mais não seja que para fazer um comparativo das justas e conservadoras opiniões do conservador jornal onde o sr. X faz todo esse estardalhaço há dois dias.

Tanta coisa porque fugiu um preso! Não analisei se houve boa ou má intenção nesse funcionário que tinha por mister ser mais cuidadoso. Se delinquir que lhe sejam pedidas responsabilidades e nada mais, é um caso de sua apenas. Quanto ao preso, que o sr. alicunha de — responsabilidade — dir-lhe hei que essa responsabilidade tem um alcance muito diverso daquele que o sr. pretende querer dar-lhe. Como final, devei dizer-lhe que em plena visita aos presos, foi o por um Procurador da República, o preso, que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Estou plenamente convencido que nem tem bem a consciência do que está escrevendo. Quem sabe mesmo quantos dentre esses que o sr. agora quer atingir, não lhe terão já prestado serviços ou grandes favores e que agora assim ingratamente agradece? E' natural que seja uma mera suposição errônea da minha parte, mas não sei, quasi sou em dúvida que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Francamente gostaria de o conhecer porque talvez alguma coisa tivesse que relatar aos seus leitores alarmados com as suas histórias téticas, e creia que o lamentado deveras. No entanto muito embora assim não suceda, daqui lhe lanço esse repto, o de me pôr a claro toda a história e cadastro desses criminosos grandes, visto que estão envolvidos em crimes muito grandes quanto mais não seja que para fazer um comparativo das justas e conservadoras opiniões do conservador jornal onde o sr. X faz todo esse estardalhaço há dois dias.

Tanta coisa porque fugiu um preso! Não analisei se houve boa ou má intenção nesse funcionário que tinha por mister ser mais cuidadoso. Se delinquir que lhe sejam pedidas responsabilidades e nada mais, é um caso de sua apenas. Quanto ao preso, que o sr. alicunha de — responsabilidade — dir-lhe hei que essa responsabilidade tem um alcance muito diverso daquele que o sr. pretende querer dar-lhe. Como final, devei dizer-lhe que em plena visita aos presos, foi o por um Procurador da República, o preso, que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Estou plenamente convencido que nem tem bem a consciência do que está escrevendo. Quem sabe mesmo quantos dentre esses que o sr. agora quer atingir, não lhe terão já prestado serviços ou grandes favores e que agora assim ingratamente agradece? E' natural que seja uma mera suposição errônea da minha parte, mas não sei, quasi sou em dúvida que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Francamente gostaria de o conhecer porque talvez alguma coisa tivesse que relatar aos seus leitores alarmados com as suas histórias téticas, e creia que o lamentado deveras. No entanto muito embora assim não suceda, daqui lhe lanço esse repto, o de me pôr a claro toda a história e cadastro desses criminosos grandes, visto que estão envolvidos em crimes muito grandes quanto mais não seja que para fazer um comparativo das justas e conservadoras opiniões do conservador jornal onde o sr. X faz todo esse estardalhaço há dois dias.

Tanta coisa porque fugiu um preso! Não analisei se houve boa ou má intenção nesse funcionário que tinha por mister ser mais cuidadoso. Se delinquir que lhe sejam pedidas responsabilidades e nada mais, é um caso de sua apenas. Quanto ao preso, que o sr. alicunha de — responsabilidade — dir-lhe hei que essa responsabilidade tem um alcance muito diverso daquele que o sr. pretende querer dar-lhe. Como final, devei dizer-lhe que em plena visita aos presos, foi o por um Procurador da República, o preso, que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Estou plenamente convencido que nem tem bem a consciência do que está escrevendo. Quem sabe mesmo quantos dentre esses que o sr. agora quer atingir, não lhe terão já prestado serviços ou grandes favores e que agora assim ingratamente agradece? E' natural que seja uma mera suposição errônea da minha parte, mas não sei, quasi sou em dúvida que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Francamente gostaria de o conhecer porque talvez alguma coisa tivesse que relatar aos seus leitores alarmados com as suas histórias téticas, e creia que o lamentado deveras. No entanto muito embora assim não suceda, daqui lhe lanço esse repto, o de me pôr a claro toda a história e cadastro desses criminosos grandes, visto que estão envolvidos em crimes muito grandes quanto mais não seja que para fazer um comparativo das justas e conservadoras opiniões do conservador jornal onde o sr. X faz todo esse estardalhaço há dois dias.

Tanta coisa porque fugiu um preso! Não analisei se houve boa ou má intenção nesse funcionário que tinha por mister ser mais cuidadoso. Se delinquir que lhe sejam pedidas responsabilidades e nada mais, é um caso de sua apenas. Quanto ao preso, que o sr. alicunha de — responsabilidade — dir-lhe hei que essa responsabilidade tem um alcance muito diverso daquele que o sr. pretende querer dar-lhe. Como final, devei dizer-lhe que em plena visita aos presos, foi o por um Procurador da República, o preso, que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Estou plenamente convencido que nem tem bem a consciência do que está escrevendo. Quem sabe mesmo quantos dentre esses que o sr. agora quer atingir, não lhe terão já prestado serviços ou grandes favores e que agora assim ingratamente agradece? E' natural que seja uma mera suposição errônea da minha parte, mas não sei, quasi sou em dúvida que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Francamente gostaria de o conhecer porque talvez alguma coisa tivesse que relatar aos seus leitores alarmados com as suas histórias téticas, e creia que o lamentado deveras. No entanto muito embora assim não suceda, daqui lhe lanço esse repto, o de me pôr a claro toda a história e cadastro desses criminosos grandes, visto que estão envolvidos em crimes muito grandes quanto mais não seja que para fazer um comparativo das justas e conservadoras opiniões do conservador jornal onde o sr. X faz todo esse estardalhaço há dois dias.

Tanta coisa porque fugiu um preso! Não analisei se houve boa ou má intenção nesse funcionário que tinha por mister ser mais cuidadoso. Se delinquir que lhe sejam pedidas responsabilidades e nada mais, é um caso de sua apenas. Quanto ao preso, que o sr. alicunha de — responsabilidade — dir-lhe hei que essa responsabilidade tem um alcance muito diverso daquele que o sr. pretende querer dar-lhe. Como final, devei dizer-lhe que em plena visita aos presos, foi o por um Procurador da República, o preso, que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Estou plenamente convencido que nem tem bem a consciência do que está escrevendo. Quem sabe mesmo quantos dentre esses que o sr. agora quer atingir, não lhe terão já prestado serviços ou grandes favores e que agora assim ingratamente agradece? E' natural que seja uma mera suposição errônea da minha parte, mas não sei, quasi sou em dúvida que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Francamente gostaria de o conhecer porque talvez alguma coisa tivesse que relatar aos seus leitores alarmados com as suas histórias téticas, e creia que o lamentado deveras. No entanto muito embora assim não suceda, daqui lhe lanço esse repto, o de me pôr a claro toda a história e cadastro desses criminosos grandes, visto que estão envolvidos em crimes muito grandes quanto mais não seja que para fazer um comparativo das justas e conservadoras opiniões do conservador jornal onde o sr. X faz todo esse estardalhaço há dois dias.

Tanta coisa porque fugiu um preso! Não analisei se houve boa ou má intenção nesse funcionário que tinha por mister ser mais cuidadoso. Se delinquir que lhe sejam pedidas responsabilidades e nada mais, é um caso de sua apenas. Quanto ao preso, que o sr. alicunha de — responsabilidade — dir-lhe hei que essa responsabilidade tem um alcance muito diverso daquele que o sr. pretende querer dar-lhe. Como final, devei dizer-lhe que em plena visita aos presos, foi o por um Procurador da República, o preso, que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Estou plenamente convencido que nem tem bem a consciência do que está escrevendo. Quem sabe mesmo quantos dentre esses que o sr. agora quer atingir, não lhe terão já prestado serviços ou grandes favores e que agora assim ingratamente agradece? E' natural que seja uma mera suposição errônea da minha parte, mas não sei, quasi sou em dúvida que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Francamente gostaria de o conhecer porque talvez alguma coisa tivesse que relatar aos seus leitores alarmados com as suas histórias téticas, e creia que o lamentado deveras. No entanto muito embora assim não suceda, daqui lhe lanço esse repto, o de me pôr a claro toda a história e cadastro desses criminosos grandes, visto que estão envolvidos em crimes muito grandes quanto mais não seja que para fazer um comparativo das justas e conservadoras opiniões do conservador jornal onde o sr. X faz todo esse estardalhaço há dois dias.

Tanta coisa porque fugiu um preso! Não analisei se houve boa ou má intenção nesse funcionário que tinha por mister ser mais cuidadoso. Se delinquir que lhe sejam pedidas responsabilidades e nada mais, é um caso de sua apenas. Quanto ao preso, que o sr. alicunha de — responsabilidade — dir-lhe hei que essa responsabilidade tem um alcance muito diverso daquele que o sr. pretende querer dar-lhe. Como final, devei dizer-lhe que em plena visita aos presos, foi o por um Procurador da República, o preso, que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Estou plenamente convencido que nem tem bem a consciência do que está escrevendo. Quem sabe mesmo quantos dentre esses que o sr. agora quer atingir, não lhe terão já prestado serviços ou grandes favores e que agora assim ingratamente agradece? E' natural que seja uma mera suposição errônea da minha parte, mas não sei, quasi sou em dúvida que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Francamente gostaria de o conhecer porque talvez alguma coisa tivesse que relatar aos seus leitores alarmados com as suas histórias téticas, e creia que o lamentado deveras. No entanto muito embora assim não suceda, daqui lhe lanço esse repto, o de me pôr a claro toda a história e cadastro desses criminosos grandes, visto que estão envolvidos em crimes muito grandes quanto mais não seja que para fazer um comparativo das justas e conservadoras opiniões do conservador jornal onde o sr. X faz todo esse estardalhaço há dois dias.

Tanta coisa porque fugiu um preso! Não analisei se houve boa ou má intenção nesse funcionário que tinha por mister ser mais cuidadoso. Se delinquir que lhe sejam pedidas responsabilidades e nada mais, é um caso de sua apenas. Quanto ao preso, que o sr. alicunha de — responsabilidade — dir-lhe hei que essa responsabilidade tem um alcance muito diverso daquele que o sr. pretende querer dar-lhe. Como final, devei dizer-lhe que em plena visita aos presos, foi o por um Procurador da República, o preso, que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Estou plenamente convencido que nem tem bem a consciência do que está escrevendo. Quem sabe mesmo quantos dentre esses que o sr. agora quer atingir, não lhe terão já prestado serviços ou grandes favores e que agora assim ingratamente agradece? E' natural que seja uma mera suposição errônea da minha parte, mas não sei, quasi sou em dúvida que o sr. X não tem autoridade moral para o fazer. Não conhece essa questão dos telhados de vidro?...

Francamente gostaria de o conhecer porque talvez alguma coisa tivesse que relatar aos seus leitores alarmados com as suas histórias téticas, e creia que o lamentado deveras. No entanto muito embora assim não suceda, daqui lhe lanço esse repto, o de me pôr a claro toda a história e cadastro desses criminosos grandes, visto que estão envolvidos em crimes muito grandes quanto mais não seja que para fazer um comparativo das justas e conservadoras opiniões do conservador jornal onde o sr. X faz todo esse estardalhaço há dois dias.

Tanta coisa porque fugiu um preso! Não analisei se houve boa ou má intenção nesse funcionário que tinha por mister ser mais cuidadoso. Se delinquir que lhe sejam pedidas responsabilidades e nada mais, é um caso de sua apenas. Quanto ao preso, que o sr. alicunha de — responsabilidade — dir-lhe hei que essa responsabilidade tem um alcance muito diverso

Agenda de A BATALHA

CALENDÁRIO DE AGOSTO

D.	5	12	19	26	HOJE O SOL
S.	6	13	20	27	Aparece às 7,51
T.	7	14	21	28	Desaparece às 19,30
Q.	8	15	22	29	
Q.	9	16	23	30	
S.	10	17	24	31	

MARES DE HOJE

Préamar às 6,10 e às 6,32

Baixamar às 11,40 e às 12,00

CAMBIO

Países	Moe- das	As pe	Conto	Venda
Alemanha	Marco	833	—	—
Áustria	Coro	81,9	—	—
Belgíca	Francos	117,5	1.084	1.091
Espanha	Pesetas	167,8	58,74	58,97
E. U. A.	Dólares	20,4	240,0	241,85
Francia	Francos	117,5	115,3	115,7
Holanda	Florins	357,9	94,41	95,09
Inglaterra	Libras	160	115,00	115,00
Itália	Liras	817	1.603	1.608
Suécia	Coro	81,9	4.339	4.371

MOVIMENTO MARITIMO

Vapores e destinos	Dias
General Beiragran, Vigo e Ham- burgo	17
Tanganika, Southampton, Rotter- dam e Hamburgo	17
Baron Renfrew, Glasgow	18
Figueras, Casablanca	18
Stephen, Madeira, Pará e Ma- nas	18
Asia, Providence e New-York	19
Portugal, Funchal e Portos de Africa	20
Eubea, portos do Brasil e Argen- tina	20
Curvello, Funchal e portos do Brasil	20
Hildebrand, Liverpool	21
Massilia, portos do Brasil e Ar- gentina	21
Almazora, Vigo, Cherbourg e Southampton	21
Guichen, portos do Brasil e Ar- gentina	21
Cassimance, portos do Brasil	21
Presidente Wilson, Naples, Me- sina, Patras, Ragusa e Trieste	21

HORARIO DOS COMBOIOS

Paris-Calais-Londres	Partida São-Expresse às 12-25. Chegada às 19-20.
Madrid-Paris (Directo)	Partida do Rossio às 11-10 (às segundas, quartas e sábados, com lugares de luxo).
Partida do Rossio às 11-10 (às segundas, quartas e sábados, com lugares de luxo).	Chegada às 15-10 (às segundas, quartas e sábados, com lugares de luxo).
Porto-Galiza	Partidas do Rossio às 3-40, 10-40 e 21-0.
Chegadas às 17-50, 10-40 e 8-1.	Rápidas: Partidas às 17-50, 10-40 e 8-1. Chegadas às 17-50, 10-40 e 8-1.
Elvas, Badajoz e Sevilha	Partida do Rossio às 21-30. Chegada às 5-50.
C. Branco, Covilhã e Guarda	Partidas do Rossio às 9-40 e 21-30. Chegadas às 5-40 e 17-30.
Torres, Caldas, Figueira, Alfaiates e Porto	Partidas do Rossio às 8-15 e 17-10. Chegadas às 18-10. Chegada às 18-10.
Vendas Novas e Vila Real de Santo Antonio	Partida do Terreiro do Paço às 5-50. Chegada às 12-20.
Sintra	Nos dias úteis: Partidas do Rossio às 1-0, 6-50, 10-50, 12-50, 14-50, 16-50, 18-50, 20-50, 22-50, 24-50, 26-50, 28-50, 30-50, 32-50, 34-50, 36-50, 38-50, 40-50, 42-50, 44-50, 46-50, 48-50, 50-50, 52-50, 54-50, 56-50, 58-50, 60-50, 62-50, 64-50, 66-50, 68-50, 70-50, 72-50, 74-50, 76-50, 78-50, 80-50, 82-50, 84-50, 86-50, 88-50, 90-50, 92-50, 94-50, 96-50, 98-50, 100-50.

Nicolau Gomes Correia

ALFAIATE-MERCADOR

Grande sortido de lanifícios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato. Grande variedade de sobretudos e capas à alentejana, casacos para senhora.

Já confeccionados

Aviamentos para alfaiates

R. dos Fanqueiros, 255

Tabacaria A NACIONAL

Tabacos nacionais e estrangeiros, jornais, livros, postais, ilustrados, livros, artigos de paparia, selos, papel selado, artigos para fumadores

Agua, cerveja e refrigerantes

38, R. da Mouraria, 33-A LISBOA

Diário sindicalista

AUTO-ONIBUS

Entre Sintra e Ericeira
Partidas de Sintra às 11-10 e 18-10.
Partidas de Ericeira às 7-10 e 17-10.
Vendem-se bilhetes de ida e volta, até às 7 horas, na Praça de D. Pedro, 19-Lisboa.

Vila Franca de Xira

Partidas do Rossio às 0-50, 5-50, 8-50, 11-50, 14-50 e 17-50.
Chegadas a Vila Franca às 2-00, 7-00, 10-10, 13-10, 16-10 e 19-10.
Partidas de Vila Franca às 6-10, 8-10, 11-10, 14-10, 17-10 e 20-10.
Chegadas ao Rossio às 7-30, 9-30, 12-45, 15-45, 18-45 e 21-45.

Partes do Rossio às 22-45, chega a Santa

Partes do Rossio às 22-45, chega a Santa Iria às 23-45, regressa de Santa Iria às 23-55, chega ao Rossio às 0-50, com paragem em todas as estações e apeacheiros.

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e 18-10. Chegadas a Queluz às 8-40, 9-40, 18-10 e 19-10. Chegadas ao Rossio às 9-11, 10-10, 18-30 e 19-30.

Estes comboios param em todas as estações e apeacheiros.

Cascaes

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e 18-10. Chegadas a Cascaes às 8-40, 9-40, 18-10 e 19-10. Chegadas ao Rossio às 9-11, 10-10, 18-30 e 19-30.

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e 18-10. Chegadas a Cascaes às 8-40, 9-40, 18-10 e 19-10. Chegadas ao Rossio às 9-11, 10-10, 18-30 e 19-30.

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e 18-10. Chegadas a Cascaes às 8-40, 9-40, 18-10 e 19-10. Chegadas ao Rossio às 9-11, 10-10, 18-30 e 19-30.

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e 18-10. Chegadas a Cascaes às 8-40, 9-40, 18-10 e 19-10. Chegadas ao Rossio às 9-11, 10-10, 18-30 e 19-30.

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e 18-10. Chegadas a Cascaes às 8-40, 9-40, 18-10 e 19-10. Chegadas ao Rossio às 9-11, 10-10, 18-30 e 19-30.

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e 18-10. Chegadas a Cascaes às 8-40, 9-40, 18-10 e 19-10. Chegadas ao Rossio às 9-11, 10-10, 18-30 e 19-30.

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e 18-10. Chegadas a Cascaes às 8-40, 9-40, 18-10 e 19-10. Chegadas ao Rossio às 9-11, 10-10, 18-30 e 19-30.

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e 18-10. Chegadas a Cascaes às 8-40, 9-40, 18-10 e 19-10. Chegadas ao Rossio às 9-11, 10-10, 18-30 e 19-30.

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e 18-10. Chegadas a Cascaes às 8-40, 9-40, 18-10 e 19-10. Chegadas ao Rossio às 9-11, 10-10, 18-30 e 19-30.

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e 18-10. Chegadas a Cascaes às 8-40, 9-40, 18-10 e 19-10. Chegadas ao Rossio às 9-11, 10-10, 18-30 e 19-30.

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e 18-10. Chegadas a Cascaes às 8-40, 9-40, 18-10 e 19-10. Chegadas ao Rossio às 9-11, 10-10, 18-30 e 19-30.

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e 18-10. Chegadas a Cascaes às 8-40, 9-40, 18-10 e 19-10. Chegadas ao Rossio às 9-11, 10-10, 18-30 e 19-30.

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e 18-10. Chegadas a Cascaes às 8-40, 9-40, 18-10 e 19-10. Chegadas ao Rossio às 9-11, 10-10, 18-30 e 19-30.

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e 18-10. Chegadas a Cascaes às 8-40, 9-40, 18-10 e 19-10. Chegadas ao Rossio às 9-11, 10-10, 18-30 e 19-30.

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e 18-10. Chegadas a Cascaes às 8-40, 9-40, 18-10 e 19-10. Chegadas ao Rossio às 9-11, 10-10, 18-30 e 19-30.

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e

Partidas do Rossio às 7-50, 8-50, 17-50 e 18-10. Chegadas a Cascaes às 8-40, 9-40, 18-10 e 19-10. Chegadas ao Rossio às 9-11, 10-10, 18-30 e 19-30.

A BATALHA

grande baixa de calçado

só com o lucro de 10 %
NA - SAPATARIA SOCIAL OPERÁRIA
Sapatos para senhora 10\$00
Sapatos em variz 23\$00
Botas pretas, (grande saldo) 33\$50
Botas brancas, (saldo) 28\$00
Grande saldo de botas pretas 39\$50
Botas de cor para homem 40\$50

Não confundir a SOCIAL OPE-

RÁRIA com outra casa.
Ver bem, pois só lá se encontra bom e barato.

A SOCIAL OPERÁRIA é na rua

dos Cavaleiros, 18-20, com Filial na mesma rua, n.º 69.

PERAL, L. DA

(ex-empregado da CASA PINHEIRO)
Tecidos de lã,
seda
e algodão

Grande sortido em todas as qualidades e a preços sem competição

Novidades para estação de verão
ENVIAM-SE AMOSTRAS E EN-
COMENDAS
PARA TODO O PAÍS
80, 1.º, R. DA PRATA, 82 a 86
Telefone, 77-C.

Calçado

Sapataria do Calhariz

(em frente da Rua das Chagas)
Grandes abatimentos
em todos os calçados existentes

A 28\$00
UM LOTE de 150 pares de sapatos,
pés pequenos, abotinados de cal preto,
salto de sola, cujo valor é de 40\$00.

A 13\$00
GRANDE lote de sapatos de lona,
para senhora, pés pequenos, cujo valor é de 20\$00.

A 20\$00
GRANDE lote de sapatos de camurça
de cor, outro lote de cal de cor da
moda e em variz.

A 20\$00
UM grande lote de sapatos para se-
nhora em espidido chevron preto,
com salto, à francesa, pés pequenos,
cujo valor é de 30\$00.

A 45\$00
UM LOTE de 250 pares de botas,
pés pequenos, para homem, calf de cor,
cujo valor é de 75\$00.

A 30\$00
GRANDE lote de sapatos de verniz,
presilhas traçadas, salto Luis XV, cujo
valor é de 40\$00.

A 53\$00
BOTAS de cor, cujo valor é de 70\$00.

SANDALIAS
GRANDE SORTIMENTO com gran-
des diferenças de preços.

PARA FOOT-BALL
Vendemos todos estes calçados
— 30 a 40 % mais barato —

Grande sortimento em calçados casero-
s, chinêses de quarto, mouriscas, cal-
çados das mais recentes novidades para
homens, senhoras e crianças, que tudo
se vende com grandes diferenças de
preços.

A todo o cliente que no acto da
compra apresentar este anúncio um
bônus de 5 %

Sapataria do Calhariz

Largo do Calhariz, 33
(em frente da Rua das Chagas)

Porque
não creio em Deus

QUEM É DEUS? OS MEIOS
DE ACREDITAR EM DEUS
PORQUE SE ACREDITA
EM DEUS PORQUE SE
OBRIGA A ACREDITAR
EM DEUS PORQUE NÃO
É PRECISO ACREDITAR
EM DEUS A CAMINHO
DO IDEAL HUMANO

1 volume, 1\$00 — Pelo correio, 1\$20

Pedidos à administração
de A BATALHA

O centavo em que somos apanhados

POR
MIGUEL BAKOUNINE

Eu, meu folheto que todos devem ler,
cuja edição acaba de ser feita pela bi-
blioteca de A Sementeira.

Um exemplar, \$30 — Pelo correio, \$40

Pedidos a esta administração

FATOS, SOBRETUDOS

E

CAPAS ALENTEJANAS

GRANDE SORTIDO

FEITOS E POR MEDIDA

PARA HOMENS E RAPAZES

PELO PREÇO QUE CUSTA HOJE SÓ O FEITO

170, RUA DA BOA VISTA, 172
(O CHAVES DO CONDE BARÃO)

Belsaúde VITERI

Cigarrilhas medicinais ultra-elegantes

Cura rapidamente

Garganta, defluxos, laringites, bronquites, tosse, pigarro, rouquidão, e apressam a cura de todas as doenças da boca, garganta, ouvidos, nariz, olhos, bronquios e pulmões.

1.º Desinfecção profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais prático dos inaladores;

2.º E usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a tosse dentária e por todas as pessoas que tem de suportar discursos dardidos porque ao defende de contágios perigosos;

3.º São usadas pelas pessoas adotas, pelas mathematicas ou que sofrem de bronquites crónicas, porque limpando o pigarro, abraçam o aparelho e permitem-lhes os seus reparadores regulares;

4.º Limpando o pigarro, combatem a rouquidão, acalmam a voz e fortalecem as cordas vocais; por isso são usadas pelas que cantam ou falam em público;

O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

5.º Alivia a acção nociva da nicotina que se deposita nas vias respiratórias dos fumadores e de quem com eles convive, evitando-lhes o cancro e o catarro gastrico;

6.º Desestorpece o cérebro fatigado, activa as faculdades intelectuais, evitando a surdez e a perda da memória por todos os que pensam muito;

7.º Usadas pelas que viajam ou frequentam salas de dentes, porque o fumo salubre o ambiente e introduz-se em todas as células das vias respiratórias, preservando-as das doenças contagiosas, tais como: tuberculose, coqueluche, pneumonia, difteria, angina, etc.

Má conveniência em engulir o fumo

PREÇO DAS CIGARRILHAS
Fórmula corrente: 2\$00 esc. Fórmula n.º 2 (forte) cart. 2\$50 esc.
Fórmula n.º 3 (fortissimo) cart. 3\$00 esc.

Depósito dos preparados com selo VITERI:

Vicente Ribeiro & C. Suc.º

Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

Vende-se nas boas farmácias e drogarias

Trabalhadores: LEDE E PROPAGAI

A BATALHA

IMPORTANTE

SEGUROS MARITIMOS

«A MUNDIAL» participa a todos os seus clientes que celebrou contratos com os mais importantes resseguradores, ficando assim habilitada a cobrir os riscos marítimos em condições das mais vantajosas e dentro da máxima garantia.

Vantagens especiais em apólices fluctuantes.

Dirigir-se a

A MUNDIAL
COMPANHIA DE SEGUROS
Capital inteiramente realizado, Esc. 600.000\$000—Reservas, Esc. 749.051\$60,9

SEDE EM LISBOA DELEGACAO NO PORTO
Rua Garrett, 95—Tel. 3894 R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676
ARTIGOS DE ESCRITÓRIO E LIVROS COMERCIAIS

36—RUA DO OURO—LISBOA

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros
Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE
Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa

A SOCIAL
Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS
Sede: 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: Rua dos Poais de S. Bento, 74, 2.ª
2.ª Sucursal: Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: Rua do Arco Marquês de Alegre, 56, 58

Fábrica de bonets
Chapéu modelo Jaures (Exclusivo)

Livraria de A BATALHA

Publicações sociológicas

Organização Social Sindicalista	2\$00	2\$50
Antonelli.—A Rússia bolchevista	1\$00	1\$50
A Comunidade	4\$50	5\$00
A manufatura e o proletariado	4\$50	5\$00
Porque não creio em Deus	1\$00	1\$50
O Proletariado Histórico	4\$50	5\$00

Agência Luta

Celso Ferrarini.—Os partidos políticos.....	1\$00	1\$40	Krapotkin.....	4\$00
Chusca.—Como não ser anarquista.....	4\$50	5\$00	A nichrede.....	4\$70
Sp. Albert.—O anarquismo.....	4\$50	5\$00	A Aliança, sua filosofia e seu ideal.....	1\$00
Conte.—Contra o confusão.....	4\$50	5\$00	O Grande Revogado (4 vol.).....	1\$40
Alberto Williams.—70 perguntas e respostas sobre os bolchevistas e os sovietes.....	4\$50	5\$00	A moralanarquista.....	4\$10
Dufour.—O socialismo e a revolução (2 vol.).....	4\$50	5\$00	Os burocratas da guerra.....	4\$10
Emil Gossel.—Cristo nunca existiu.....	4\$50	5\$00	Lenine:.....	4\$10
Eliseu Reclus.—A evolução legal e a anarquia.....	4\$50	5\$00	A Democracia burguesa e a Democracia proletária.....	4\$20
Engels.—A Antologia da Socialista.....	4\$50	5\$00	O Programa do Poder dos Soviotes.....	1\$50
Engels.—A Antologia da Socialista.....	4\$50	5\$00	Landauer:.....	4\$10
Engels.—A Antologia da Socialista.....	4\$50	5\$00	A Social Democracia na Alemanha.....	4\$10
Engels.—A Antologia da Socialista.....	4\$50	5\$00	Malatesta.....	4\$10